

Ismaïl-Pacha, vice-rei do Egypto

O homem cujo retrato apresentámos, e a respeito do qual traçaremos algumas linhas, prende-se menos á historia antiga do povo sobre que impera, do que á historia gloriosa do progresso e da liberdade humana.

Podem os antiquarios extasiar-se na contemplação dos successos remotos, podem estender a mão a Sanchoniathon e percorrer, no meio das brumas legendares, esse paiz que adorava as cebolas e que deificava os crocodilos; nós preferimos parar diante de uma sociedade que se emancipa dos preconceitos e das credulidades futeis, e que entra desassombradamente no caminho real dos grandes commettimentos.

Para que havemos de ir revolver os papyros amarellados ou interpretar as tabletas obscuras? Deixemos as pyramides com os seus hieroglyphos, e os Champolions com as suas tarefas embaraçosas. O passado egypcio aponta-nos o seu boi *Apis*, o seu culto de *Isis* e de *Osiris*, e em torno d'isto as innumeras superstições fomentadas por uma theocracia ardilosa; o presente mostra-nos o isthmo de Suez, essa maravilha do atrevimento humano, essa enorme arteria por onde tem de circular o sangue impetuoso do commercio, por onde tem de correr a vida das nações. Não rejeitemos o passado com o orgulho dos que só attentam nas conquistas e nos descobrimentos de hoje; o passado é uma pagina da historia do mundo, um capitulo a que o presente serve de sequencia e a que o futuro deve pôr o seu esplendido remate. As pyramides do Egypto, como já escreveu um dos maiores pensadores do seculo XVIII, não valem de certo, na significação profunda, a casa que se edifica para o invalido ou a eschola que se funda para a puericia. As pedras accumulam-se, as moles sotopõem-se, as monstruosidades de toda a especie diffundem-se; mas debaixo d'essas arcarias soberbas, em vez de germinar a semente creadora, dormem tranquillamente as mumias, reclinadas nos seus esquifes sombrios.

A historia antiga do Egypto é mais ou menos conhecida de todos. Não serei eu que vá citar os livros

de Thaut, nem respigar nos expositores algum trecho de Philon de Biblos ou de Eusebio de Cesarea. Deixemos essas marchas forçadas de investigação áquelles que vieram ao mundo para afuroar nos agulheiros musgosos; os que quizerem ter amplo conhecimento do Egypto, sem retrocederem tantos seculos, podem consultar com vantagem o utilissimo trabalho de Volney. Ahi se vê atado com mão robusta quanto ha de mais seguro, assim a respeito da historia egypcia, como attinente aos diversos factos que tão interessante fazem esta parte do mundo.

Volney, com o espirito recto e lucido de um verdadeiro historiador, observa e julga o que vê, sem paixões nem delirios; indaga e tenteia no que a obscuridade circunda; e, sem nos embalar á doce toada das lendas, procura convencer-nos com a palavra austera do philosopho. Tendo, antes de fallar em Ismaïl-Pacha, de tocar de leve nas velhas recordações do seu povo, pareceu-nos conveniente lembrar o escriptor que, a nosso ver, melhor e mais profusamente tratou das coisas do Egypto, e n'um tempo a que facilmente podêmos reatar os successos posteriores. As *Viagens no Egypto* são um repositorio de quanto se acha esparso por milhares de livros, mas tudo joeirado no crivo do finissimo raciocinio. No modo de julgar os factos poderemos divergir por vezes; mas a leitura de similhante obra ha de ser sempre e para todos um manancial de optimos conhecimentos, e um ensino para bem concatenar e ligar os fios diversos da historia.

Ponhamos, porém, de banda os commentadores e as chronicas, e deitemos os olhos para essa reunião fastosa de povos e de reis que, ainda ha pouco, se celebrava na capital do mundo. Paris, a *urbs* moderna, deitára pregão ás nações do mundo, e as nações vieram em confraternidade sublime applaudir o convite, e reverenciar o templo em que se celebravam os jubileus em honra do futuro. Assistiu-se, pela primeira vez, a um espectaculo deslumbrante; nenhuma outra exposição incitára de tal modo os animos, nenhuma tivera o condão de attrahir ao seu seio tantas e tão distinctas nacionalidades. Os francezes, como no seculo XIII, levantaram o brado *Montjoie, Saint-Denis!* e para essa nova Jerusalem do progresso precipitaram-se os homens do norte e do sul, da Asia, da Africa e da Europa inteira. Operarios e artistas, nobres e plebeus, *touristes* e observadores, todos se encontraram no emporio da civilisação, e, ainda mal, que não lhe poderemos chamar hoje da perfeita liberdade. Os monarchas deixaram o ocio do throno ou suspenderam as fadigas da governação, para se darem pressa em acudir ao reclamo festivo. As attenções, os cuidados, os desejos, concentravam-se n'aquelle foco radiante, n'aquelle centro das idéas generosas. Os que ficaram, mau grado seu, agarrados aos penates immoveis, consolaram-se em devorar as descripções dos felizes que haviam mettido pé na França; os olhos da alma foram até onde não haviam chegado os do corpo, e a phantasia procurou esboçar o panorama incomparavel do campo de Marte.

Entre as realezas que vieram opulentar e engrandecer o festejo, o vice-rei do Egypto occupou um logar notavel. Estavam alli as soberanias em cuja mão augusta residem os destinos dos povos; os pilotos da humanidade passeiavam pelo meio dos matalotes satisfeitos; mas os olhos descançavam com predilecção sobre a physionomia sempre franca de Ismaïl-Pacha, que, simplesmente trajado, apenas destoava do grupo pela novidade do seu barrete oriental. É porque se lhe associavam, naturalmente, as idéas de um passo gigante, que, embora não partisse da sua iniciativa, encontrou n'elle a cooperação de um espirito magnanimo e esclarecido. Referimo-nos á empreza de Fernando de Lesseps.

Ismaïl-Pacha, filho de Ibrahim-Pacha, o famoso vencedor de Nezib, succedeu no poder a seu tio Saïd, morto a 18 de janeiro de 1853. Criado e robustecido ao puro ar das novas idéas, recebeu com ellas a tendencia para quanto é grande e humanitario. Filho, para assim dizer, do Occidente, a sua aguda intelligencia combate em mais de um ponto as vetustas praticas orientaes. Sem romper o credo musulmano, procura affeiçoal-o aos eternos principios do bom senso. Mal tomou posse do governo, o seu primeiro cuidado foi ratificar a concessão do canal de Suez, feita por seu tio. Mais tarde, levado não sabemos por que motivos poderosos, denegou á companhia o auxilio de trinta mil *fellahs* que promettêra, e tentou rehaver os terrenos adjacentes ao canal. Seria isto uma reconsideração desassisada, ou presidira a elle alguma coisa desconhecida? Ignorámol-o. Foi n'esta conjunctura que o imperador dos francezes interveiu, congraçando o vice-rei com a companhia, e pondo-os de bom accordo em todos os negocios de Suez.

Desde então o nome de Ismaïl-Pacha anda necessariamente adstricto ao de Fernando de Lesseps; este representa a actividade do engenho, e aquelle o braço cooperativo. O que o explorador emprehende auxilia-o o vice-rei; tem ambos em punho o alvião e a enxada, e, mano a mano, arroteiam e acepilham o que ha de ser caminho universal. Não diremos nós, arrastados pela cegueira de biographo, que Ismaïl, favorecendo os trabalhos do isthmo, obedece a um pendor natural para o bem commum; elle bem sabe o que póde advir ao Egypto dos resultados ulteriores; o que dizemos é que outro, de razão menos vasta e allumiada, teria posto travancos a similhante arrojo. As grandes reformas, por mais salutares e beneficas que sejam, encontram sempre a resistencia dos habitos inveterados; presentem-se os fructos que hão de apparecer com o correr dos tempos, e hesita-se em estorroar a terra e em fecundal-a. Quem não sabe a historia de todos os progressos humanos? Dar impulso aos emprehendimentos audaciosos, metter-lhes hombros e empuxal-os, desempecer obstaculos que se antolham, contribuir, a despeito de interesses particulares, para o grande bem geral, é virtude que nem todos os soberanos alrotam, e de que o vice-rei póde blazonar. N'este ponto poderiamos resumir a sua linha perfilar; a realeza, consubstanciada nos rasgos de sábia e previdente administração, brilha em Ismaïl como em poucos soberanos.

Para o Egypto passou o tempo de Sesostris; a aureola dos conquistadores vae desmaiando em frente da clara luz dos que civilisam; a espada vae-se transfigurando em cajado, e os melhores reis tem de ser os melhores pastores. Que importam os medonhos inventos da guerra perante esta evidencia palpavel da emancipação do pensamento e da liberdade da consciencia? O que podem as ambições e as vontades discricionarias dos despotas em lucta com a sociedade, que quer as pelejas incruentas do entendimento, e que aspira, com toda a força de uma vontade energica, para o remanso e para o socego do que é digno e do que é justo? Os reis, por mais alto que seja o bordo dos seus galeões, tem de ceder á torrente do seculo.

Ismaïl-Pacha, abstrahindo da soberania do seu cargo, distingue-se pela magnanimidade da alma e pela fidalga munificencia. Durante a sua estada em França, a intelligencia e as aptidões de toda a casta tiveram azo para medir a sua sensata liberalidade; percebe elle onde está o prestimo, e acolhe-o; para me servir das palavras de um nosso eloquente classico, sabe descobrir as minas onde está o oiro dos talentos mais preciosos, e conhece as talhas de barro que conservam melhores vinhos que jarras de oiro.

Ismaïl-Pacha falla tão bem o francez e o inglez como o arabe, e prima pela amenidade do trato e por uma penetração não vulgar. Tem hoje cêrca de cin-

coenta e dois annos, mas ostenta bizarramente o peso da edade com o vigor que nem sempre, em tal quadra, costuma acompanhar os orientaes.

Quando, por motivo do desaccordo com a companhia de Suez (ao que já alludimos), retirou os trinta mil *fellahs* com que subscrevêra, foi esse contingente applicado no cultivo do algodão. Corria por esse tempo a guerra da America, e Ismaïl, tomando mão do ensejo, deu-se a recolher o legado que os batalhadores do Norte e do Sul deixavam á mercê dos povos intelligentes. Ahi temos mais outro traço na physionomia do vice-rei.

Fechando agora esta breve noticia biographica, não deixaremos de citar um facto a que tem referencia algumas das nossas palavras anteriores. Segundo a lei musulmana pertenceria o reino do Egypto, por morte de Ismaïl, a seu irmão Mustapha, ou talvez ao principe Halim, filho de Mehemet-Ali. O vice-rei impetrou de Constantinopla a modificação do preceito, e estabeleceu que o throno fosse herança de seus filhos.

O sr. Ducuing, escrevendo a respeito de Ismaïl no excellente periodico *L'Exposition Universelle*, termina o seu artigo com estas palavras memoraveis: — *L'Egypte est destinée à devenir la providence de l'Europe, tantôt pour le blé, tantôt pour le coton, et bientôt pour le transit.*

A realisar-se o pensamento do escriptor, cujas noticias biographicas mais de uma vez consultámos, o nome de Ismaïl será o que mais alto deve inscrever-se nos trophéos d'essa missão providencial.

E. A. VIDAL.

HISTORIA DE UMAS FLORES

(POR D. VICTORINA FERRER Y SALDAÑA, DE VALENCIA)

I

É um ameno e poetico valle: dão-lhe sombra frondosas arvores; immensos regatos serpenteiam através do verde musgo e das matizadas flores.

As auras, ao cruzar pela enramada, deixam ouvir vagos e melancolicos soidos que enchem a alma de encantador prazer.

O rouxinol e mil avezinhas de vistosa plumagem, batendo alegres as azas, cantam nos verdes ramos a vinda da aurora, e quando o sol, envolto em nuvens doiradas, se esconde nas collinas do occidente, entoam tristes endechas de despedida.

O ar é tibio, doce e embalsamado.

Tudo respira encanto e voluptuosidade.

II

N'esse sitio encantador, n'esse éden, cresciam duas plantas: uma d'ellas, esbelta, elegante, com rectas e vigorosas basteas, grandes e bellas folhas de verde claro e magnificas flores côr de oiro, inveja de suas companheiras por sua airosa postura e por seu deslumbrante matiz, chamava-se Girasol.

A outra, timida, modesta, de folhas miudas e pequenas flores da bellissima côr da aurora, vagas e vaporosas como o primeiro suspiro de um menino, e que por sua singeleza representava a candura, era tão formosa como um sonho de amores. Em o nome estava o mysterio da sua vida. Chamava-se Sensitiva.

Amavam-se estas duas plantas.

O canto das aves, as caricias das vaporosas brisas, o murmurio dos buliçosos regatos, o suspirar das auras, tudo, tudo desprezava Girasol por um só olhar cheio de suave perfume da innocencia e candura de Sensitiva.

Esta resistíra por muito tempo aos afagos e amorosas queixas de Girasol, mas por fim amou-o com um amor timido e recatado.

III

Uma noite, uma das noites tranquillas, serenas e encantadoras da primavera, em que só se ouvem esses rumores vagos e confusos que povoam a alma de encanto e que se não podem definir, em que a prateada lua derramava a sua frouxa luz sobre as aguas e as arvores, através das quaes passavam os seus argenteos raios e banhavam os calices das flores, as duas plantas se contemplavam e adivinhavam mil affectos nos suspiros que vinham nas azas do zephyro.

Girasol, agitado brandamente pelas auras, inclinava-se murmurando uma súpplica e uma queixa.

Sensitiva, ao retirar-se envergonhada, fugindo das caricias do seu galanteador, sentia palpitar o coração de amor e prazer, e exhalava inebriantes perfumes que embalsamavam o ambiente.

De repente ouviu-se um suspiro parecido com uma queixa. Adivinhava-se n'este suspiro angustia e dor profundas.

Sensitiva, carinhosa, terna e sensivel, inclinou a cabeça para saber d'onde saíra aquelle suspiro, e descobriu ao seu lado uma plantasinha banhada em lagrimas.

— Por que choras? perguntou a flor, sentindo tambem deslisar por suas pétalas algumas gotas de rocio.

— Ai! respondeu a plantasinha; sou muito infeliz!

— Quem causa os teus males? qual é a tua desgraça? disse-lhe com interesse a flor.

— Ouve. Vivia no seio de minha mãe, ao lado de minhas irmãs, felizes e cheias de doce esperança, proximas a lançar-nos á terra para nos tornarmos tambem bellas e vigorosas plantas e produzir odoriferas flores, quando — tremo ao recordal-o! — o ceo se cobre de nuvens negras, o furacão fustiga as mattas e florestas, e a tempestade se desencadeia sobre as nossas cabeças; o vendaval agita e arrebata nossa mãe, que desapparece no redomoinho, e minhas irmãs e eu ficámos separadas e dispersas. No outro dia encontrei-me só e abandonada no cume de um rochedo. Gritei: ninguem respondeu aos meus gritos, ninguem se compadeceu das minhas lagrimas. Um rouxinol, que trinava no bosque visinho, ouviu a final as minhas queixas e acudiu-me. «Vem, me disse; conheço uma flor, symbolo do affecto, levar-te-hei a ella.» Colheu-me no bico e deixou-me onde me vês; mas sem mão benefica, e sem um punhado de terra que me fertilise, ficarei exposta aos raios do sol e á mercê dos ventos, que me seccarão, e morrerei.

— Nada receies, acudiu Sensitiva ao ouvir a triste narração da infeliz plantasinha; approxima-te de mim, abriga-te com a minha hastea; proteger-te-hei com os meus ramos, e cederei as gotas de rocio que a aurora me prodigalisa, para que te banhem e fertilisem. Serás minha companheira e minha irmã. Como te chamas?

— Ortiga, respondeu a plantasinha, e deixou de chorar, lançando olhares em roda, enlevada na amenidade do sitio e na felicidade que Sensitiva lhe proporcionava.

Ficou tudo em silencio.

Começava a despontar o dia.

Aurora e Flora, abrindo as brancas e rosadas azas, percorriam os valles, banhando de transparentes perolas de rocio os campos, os valles, a verde folhagem e as matizadas flores, que despertaram do lethargo, perfumando com aromas as frescas brisas.

As aves, cantando nas enramadas, offereciam infindas harmonias aos ternos sentimentos de Sensitiva; as fontes murmuravam docemente o nome da flor sensivel e carinhosa; e até o susurro das folhas das arvores e plantas se assimilhava aos echos longinquos de algum hymno celestial dedicado á caridade.

Flora parou diante da timida planta para inscrever o seu nome no livro de oiro da vida das flores.

IV

Decorreram algumas luas.

Ortiga, cuidada, amada e protegida por Sensitiva, convertêra-se em planta bella, vigorosa e cheia de vida.

As fortes e direitas hasteas, as grandes e desenvolvidas folhas de verde esmeralda, e as miudas flores nacaradas, davam-lhe encantador aspecto de frescura e belleza; mas através d'esta formosura descobria-se-lhe altivez e soberba.

O aspecto não desdizia dos instinctos. Ortiga era vaidosa e iracunda. No seu coração imperava um mau sentimento — a inveja.

Sensitiva, que a amava como irmã, mais que irmã, tanto como a si propria, vendo que lhe desprezava os ternos conselhos, padecia em silencio.

Quizera ver a sua protegida timida, sincera e com instinctos generosos, para que fosse feliz e amada de suas companheiras. Quizera vêl-a corresponder ao affecto que tão singelamente lhe dedicára desde o momento em que a triste e abandonada plantasinha, Ortiga, proxima a morrer, fôra implorar a sua protecção.

(Continúa)

UM ESCRIPTOR EXEMPLAR E POPULAR DA ALLEMANHA

I

As obras de Justo Mœser não são muito conhecidas fóra da Allemanha: mereciam, comtudo, sel-o pelo bom senso natural, pela energia, pelo estilo singular e profunda moralidade que encerram.

«O intuito de Mœser, diz judiciosamente mistress Austin, foi mais nobre que o dos escriptores em geral. Não procurou satisfazer o seu orgulho e conquistar um nome de auctor; teve só em vista o progresso e a felicidade das classes laboriosas da sociedade, e quiz que o povo comprehendesse os seus verdadeiros interesses.»

Nasceu no anno 1720, em Osnabrück, cidade importante do Hanover, e era filho de um alto funccionario publico. Logo nos primeiros annos deu provas do seu prestimo. Estudou as leis nas principaes universidades, mas o livro da vida humana foi o seu estudo favorito. Como advogado, mostrou-se defensor solicito e honrado dos opprimidos; e um dia resistiu com energia e dignidade á vontade despotica do governador de Osnabrück.

Em 1747, Mœser, honrado com a confiança de seus concidadãos, foi elevado ás funcções de advogado da patria *(advocatus patriæ)*, e a assembléa dos estados nomeou-o secretario e syndico da ordem dos cavalleiros.

Durante as commoções da guerra dos sete annos, reconheceu-se mais uma vez a nobreza do seu caracter. Soube assegurar o respeito do duque Fernando de Brunswick, e esteve oito mezes em Londres para concluir o negocio dos subsidios que deviam ser dados pela Inglaterra. A residencia de Mœser no paiz classico da liberdade augmentou extraordinariamente os seus conhecimentos praticos.

Na menoridade do principe inglez que, em 1761, foi nomeado bispo protestante e soberano de Osnabrück, Justo Mœser foi de facto, ainda que nominalmente, conselheiro em chefe do regente. O grande conhecimento dos negocios publicos, a sua franqueza e integridade, fizeram com que, no meio dos conflictos que houve entre o soberano e os estados, podesse agradar a ambos sem incorrer na censura de nenhum.

Depois de ter sido seis annos juiz no tribunal criminal de Osnabrück, demittiu-se d'este emprego para ir exercer as funcções de chanceller privado do governo, em cujo cargo permaneceu até á morte, que occorreu aos 7 de janeiro 1794, contando 74 annos de edade.

Encontra-se na vida de Gœthe uma lisonjeira passagem a respeito de Mœser. Eis de que modo falla d'elle o illustre poeta:

«Os pequenos escriptos ou artigos d'este homem admiravel, relativamente ás materias de interesse politico e social, saíram ha annos nas columnas da gazeta de Osnabrück, e foram denunciados por Helder, que não lhe soffreu o animo ver na sombra um homem de merito. A filha de Mœser trata de colligil-os. Estes artigos foram compostos com o mesmo intuito e tornam-se notaveis pelo profundo conhecimento da condição das classes baixas e médias, ou antes do edificio inteiro da sociedade. O auctor, com o animo isento de qualquer preconceito, analysa as relações de umas com outras classes, e as que existem entre as cidades e as aldeias do paiz. A receita e despeza do estado, as vantagens e desvantagens dos diversos ramos da industria, são expostos por Mœser com admiravel clareza, assim como os usos dos antigos tempos que elle compara com os modernos. A organisação interna de Osnabrück e as suas relações com os outros paizes, sobre tudo com a Gran-Bretanha, apresenta-as com egual clareza, tirando os necessarios corollarios.

«Posto que Mœser chame aos seus artigos *Fantasias patrioticas*, ha n'elles muitas verdades praticas. Como a familia é a base do edificio social, é á familia principalmente que o nosso exemplar escriptor dedica os seus estudos e observações. Quer séria, quer jovialmente, Mœser escreve com liberdade e verdade ácerca de todas as mudanças padecidas nos usos, nos habitos, nos costumes, no regimen, na vida interna e na educação do povo. Seria mister fazer um inventario de cada incidente da vida social se se quizessem indicar os assumptos de que trata; e que inimitaveis descripções! É um verdadeiro homem de estado que falla ao povo por meio de uma gazeta, e que deseja tornar intelligiveis para todos os intuitos e os projectos de um governo esclarecido, sensato e benevolo; e não lhe falla com um estilo puramente didactico, mas com variedade de fórmas que poderemos chamar quasi poetica, e que nem por isso deixa de merecer o nome de rhetorica na melhor accepção da palavra.

«Dominando e tratando o assumpto com singular rigor, tem a arte de dar as côres da vida ás coisas mais sérias. Sabe tambem fallar em seu proprio nome com ironia e chiste, e é por vezes extremamente rude; mas n'esta rudeza, que alguns podem considerar como grosseria, nunca falta verdade nem nobreza. Como quer que seja, o seu estilo é sempre tão apropriado ao assumpto, que não póde deixar de admirar-se o bom senso, a facilidade, a clareza, o gosto e a originalidade do escriptor. Em fim, pela selecção das materias, pelo profundo conhecimento com que as trata, pelas rasgadas idéas, pelo vigor do estilo, e pela jovialidade e lealdade do animo, devo comparal-o com Franklin.»

Nada póde accrescentar-se a esta bella descripção das *Fantasias patrioticas*. Resta só dizer que a sua *Historia de Osnabrück* é tambem notavel pelos conhecimentos archeologicos que revelou.

Justo Mœser deixou muitas obras, entre as quaes se contam uma tragedia, uma carta endereçada a João Jacques Rousseau, e uma defesa da lingua e litteratura allemães em resposta a Frederico o Grande.

No seguinte artigo daremos umas paginas das *Fantasias patrioticas*, como specimen dos exemplares escriptos de Mœser. N'ellas se trata de um dos pontos mais importantes da vida humana, os annos que decorrem depois do casamento. O leitor verá como Justo Mœser mostrou bom senso onde, infelizmente, muitas vezes se encontra tão pouco. E é uma grave lição para as raparigas recem-casadas.

(Continúa) B. A.

PEIXE MARTELLO

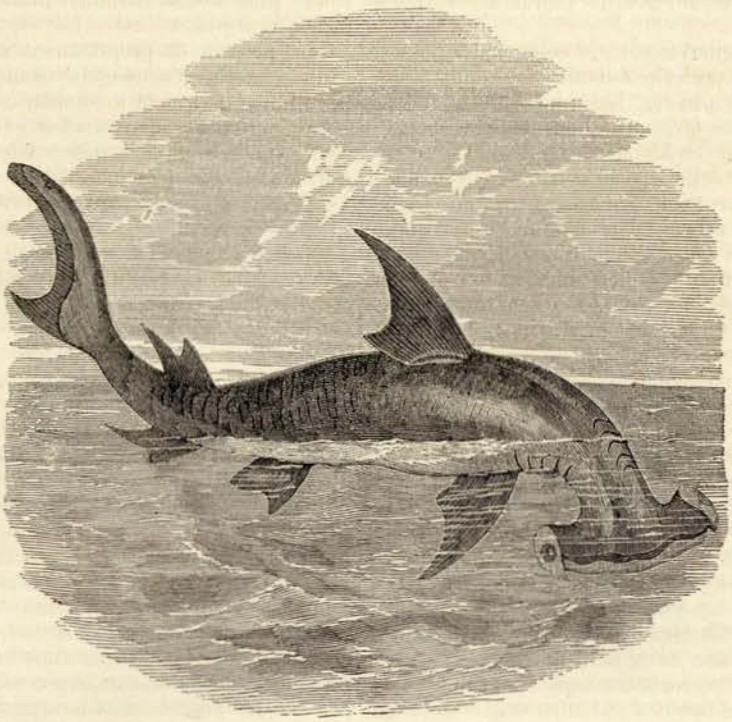
Os muitos pontos de similhança que tem este peixe singular com o tubarão, quer na sua fórma e na sua organisação interior, quer nos seus costumes, fizeram com que Linneo o denominasse *squalus zygœna*. Porém o celebre naturalista francez Cuvier mudou-lhe aquelle nome no de *zygœna malleus*. Desde então constituiu, com mais duas especies, um genero á parte, continuando, todavia, a pertencer á familia dos *squalus*.

Tem este peixe o corpo mui direito, orlado de barbatanas e de côr cinzenta; a cabeça de desmesurada largueza, de modo que parece um cylindro, collocado através da direcção do corpo. Assim representa no todo o instrumento fabril de que lhe provém o nome, muito adequado, de *peixe martello*. Nas duas extremidades da cabeça estão os olhos, que são grandes e resaltantes. A boca, situada na parte inferior, é semi-circular, e guarnecida com tres ordens de dentes em cada queixada, largos, agudos, recurvados e mui fortes. As barbatanas tem o feitio de meia lua na borda posterior.

Adquire grandes proporções o peixe martello, chegando a ter de comprimento quatro a cinco metros, e de peso duzentos kilogrammas, e ás vezes mais.

A sua carne é dura e de mau sabor; mas em compensação os figados fornecem muito azeite, e a pelle é uma excellente lixa.

A voracidade e a audacia são as feições mais proeminentes da sua indole, levando-o, como ao tubarão,



Peixe martello

a perseguir e atacar não só os peixes, mas até o proprio homem.

Habita em quasi todos os mares, mas prefere os dos climas temperados ou quentes aos dos frigidos. Entretanto, sendo estes peixes muito communs no oceano Atlantico, frequentam pouco o Mediterraneo. Apparecem n'este mar sómente nos mezes de julho, agosto e setembro, aproximando-se então das costas da França e da Italia, onde os pescadores lhes dão caça, usando de fortes anzoes, presos em grossas cordas e iscados de toicinho ou carne. I. DE VILHENA BARBOSA.

ILHA DO PRINCIPE

(Vid. pag. 319)

Ou por causa do escripto que citámos no artigo antecedente, e que appareceu em uma folha da metropole, ou porque ao mesmo tempo se publicou uma carta do sr. Eduardo Balsemão, actualmente secretario geral de Angola, na qual carta se defendiam os mesmos principios que sustentei ácerca do trabalho livre dos krumanos, suscitou-se na provincia uma questão, que deu origem a que o digno deputado por S. Thomé, o sr. Leandro José da Costa, impugnasse nas camaras a admissão dos krumanos para os serviços agricolas.

Com quanto respeitasse, como respeito, a opinião do esclarecido deputado, voltei ao assumpto, e por estar convencido das mesmas idéas copio aqui o que então me occorreu escrever:

«N'esta questão apenas dou um parecer; e tem elle a virtude de ser sincero.

Esta questão é de interesses. É do interesse publico que ameaça o interesse particular. É do interesse futuro que parece vir absorver os interesses da actualidade. Dizer que ha meio de substituir o trabalho do escravo, é quasi confessar que não ha inconveniente em abolir mais cedo a escravidão. Eis ahi tudo.

Não se póde dizer que eu tenho os meus interesses ligados á fortuna d'esta ilha ou d'esta provincia; mas prezo-a tanto como todo o bom portuguez; e eu penso que, ás vezes, os que tem ligada a sua fortuna a um paiz nem sempre antepõem a prosperidade futura d'elle ao seu interesse pessoal. É defeito perdoavel, quando se trata de innovações; e quando estas ou são dispensaveis ou não são de natureza a inspirar confiança. Mas a innovação não é contingente; ha de necessaria-

mente verificar-se. Se não houver um governo que, antes d'isso, lhe dê o golpe, a escravidão acaba em 1874; faltam poucos annos para lá chegar; a maior parte dos libertos que servem em S. Thomé acabam os dez annos obrigatorios (devem acabar) em 1871; o liberto que, seja dito de passagem, é tratado como escravo, quando for livre, estejam certos de que não vae offerecer-se voluntariamente para trabalhar; estas ilhas hão de sempre carecer de braços; faltando-lhes os que possuem, quando a escravidão acabar de facto, o que fica?

Os proprietarios que existem hoje na provincia e em S. Thomé poderão n'estes oito ou dez annos realisar fortunas para se retirar? Alguns; os que já estão hoje ricos. Mas os restantes hão de abandonar as suas casas? ha de matar-se uma povoação tão florescente?

Querer constantemente libertos, é querer que a escravidão continue. E é querer um impossivel, porque nem o espirito do seculo nem as outras nações nol-a permittiriam.

Se dissessem — queremos antes colonos nas possessões portuguezas e preferimol-os aos krumanos — todos abraçariam esse parecer. Mas quaes são das nossas possessões os colonos africanos que trabalham sem serem obrigados? Que eu saiba, só os cabindas; e esses hão de ser pagos de salario e hão de custar mais caros do que os krumanos, e não se sae do circulo vicioso, porque os proprietarios hão de querer que o systema futuro seja tão economico como o actual.

Ainda se poderá dizer: — libertos hão de existir sempre, porque os negros dos sertões escravisam-se uns aos outros, e será um beneficio para elles que o europeu os liberte com a condição de trabalharem por determinado numero de annos, portanto o trabalho forçado ha de existir ainda por muitos annos, e não poderá deixar de existir!! —

É tambem o que me parece; mas os libertos de então hão de ser pagos de ordenado como é o krumano e o cabinda, e todo o serviçal que é homem livre; e é o que se devia têr feito ha muito tempo, para que não succeda o que ha de succeder em S. Thomé, onde ou os governos hão de fechar os olhos e consentir que o liberto fique toda a vida escravo, ou os milhares de libertos que tiverem completado os annos de trabalho hão de ir para as fazendas roubar e hão de a final morrer de miseria, porque não se prestarão voluntariamente a trabalhar e não terão um peculio com que possam regressar para as suas terras.

Quereria eu, por isso, que os libertos recebessem um salario, parte do qual fosse depositado nas mãos de pessoa que representasse o governo, para lhes ser entregue ou em terrenos para cultivar ou em dinheiro para regressarem ás suas terras quando acabassem o tempo de serviço obrigatorio. Portanto, já se vê que não sou unicamente partidario dos krumanos. Parecem-me uteis, como quaesquer colonos livres. Penso que a emigração, encaminhada para as ilhas de Africa, nas quaes se carece de trabalhadores, é util e necessaria, mas de colonos livres, venham d'onde vierem; e tambem me parece que favorecer a emigração dos pretos que trabalham voluntariamente para muitos pontos da costa onde só trabalham os escravos virá a ser providencia de muito alcance.

Se insisto em fallar dos krumanos é porque reconheço que são elles quasi os unicos que trabalham voluntariamente e os que prestam melhor serviço.

— Mas se entram os krumanos na provincia, e se o governo se convence de que elles substituem o escravo com vantagem, a escravidão não tardará a ser completamente abolida. E que hão de fazer tantos mil escravos libertados repentinamente? Irão vagabundear para os mattos e roubar as nossas propriedades. Quem nos indemnisa de tantos contos de réis que esses braços nos custaram? O governo não os tem. Que ha de ser de um paiz a que tiram a sua parte mais valiosa, a que tem feito a nossa prosperidade? Perder em um momento quanto adquiriu em muitos annos e com milhares de sacrificios. Póde reconstruir-se repentinamente a classe mais importante de uma terra essencialmente agricola? Não. —

Afigura-se-me ouvir de todos os cantos da provincia estes clamores. Mas são receios muito anticipados. A escravidão ha de ser abolida; mas já, é impossivel. O terreno não está preparado para essa reforma. Com enormissimas difficuldades luctaria o governo se precipitadamente désse o golpe decisivo sem ter bases solidas em que assentar o novo systema. Entretanto, é necessario ir estabelecendo essas bases. E não será, porventura, muito conveniente que vão entrando krumanos para supprir a falta que ainda temos de trabalhadores, porque esta provincia ainda carece de mais braços do que tem? Não seria bom ir predispondo as coisas para se não estranhar mais tarde uma transformação repentina?

Que perdem os proprietarios actuaes se, não lhes tirando agora os seus escravos ou libertos, se permittir a novos proprietarios que tragam krumanos?

Receiam ficar supplantados e não poder competir com os novos proprietarios? Deve suppor-se o contrario, visto que tem mais fé no seu systema.

(Continúa) F. DE LENCASTRE.

BREVE NOTICIA SOBRE A ORIGEM E PROGRESSOS DA MARINHA PORTUGUEZA

(Vid. pag. 332)

II

Os progressos da sciencia e as novas necessidades da navegação foram introduzindo successivas reformas na construcção dos navios. As galés foram muito melhoradas e augmentadas em sua construcção. Fez-se-lhes cobertas; levantaram-se-lhes dois mastros, cada um com sua vela latina; deu-se-lhes trinta remos por banda, pouco mais ou menos, porém muito maiores que os que se usavam até então, de modo que eram precisos para cada remo dois ou tres homens, segundo o tamanho e o peso dos ditos remos. Em fim, artilharam-se as galés com cinco até oito canhões, collocados na proa, e ás vezes tambem com *pedreiros*, dispostos nos lados da embarcação, entre os remos. Compunha-se a equipagem dos soldados denominados *homens d'armas*, sempre promptos para o combate; de alguns poucos marinheiros, e dos remeiros necessarios, conforme o lote da embarcação. Estes melhoramentos correspondem á segunda metade do seculo XV.

Todavia, com esta reforma não acabaram as galés pequenas. Continuaram a fabrical-as com um só mastro, tambem com uma vela latina, e com dezeseis bancos de remeiros. A estas, porém, denominaram *galeotas*.

Portanto, com o grande impulso dado ás construcções navaes desde o reinado de D. João I, ao tempo em que seu neto, el-rei D. Affonso V, empunhou as redeas do governo, achava-se a marinha portugueza mui florescente. As emprezas de Africa, a que este monarcha foi tão inclinado, que, por amor d'ellas, lhe deram o epitheto de *africano*, foram causa de que sob o seu sceptro tivesse a mesma marinha notavel desenvolvimento.

Era muito poderosa a armada com que el-rei D. Affonso V foi á conquista de Alcacer Seguer, no anno de 1458. No dia 30 de setembro partiu el-rei de Setubal, embarcado em a nau *Santo Antonio*, e seguido de oitenta e nove embarcações de differente porte. Em Sagres reuniu-se-lhe o infante D. Henrique, seu tio, com alguns navios. Mas na bahia de Lagos é que veiu

encorporar-se á armada real um grande numero de navios, expedidos do Douro e do Mondego. A 12 de outubro levantou ferro da bahia de Lagos toda a esquadra, composta de 250 embarcações, em que iam 25:000 homens de tropas de desembarque. Passados dois dias, entrou a armada na bahia de Tanger, e no dia 16 surgiu em frente de Alcacer Seguer, que se rendeu depois de obstinada resistencia, que proporcionou aos nossos occasião para assignalados actos de valor (20 de outubro).

A ultima vez, porém, que D. Affonso V passou a Africa, levou comsigo muito mais numerosa armada. A tropa de desembarque não excedia a 25:000 homens; mas as embarcações que os conduziam, e as que transportavam bagagens e viveres, eram, entre naus, navios redondos, galés, caravelas e fustas, 338. As fustas eram pequenos barcos de carga. Quanto ás caravelas, veja-se a pag. 64 do vol. IX.

Desembarcou el-rei nas praias de Africa, á frente d'este exercito e da nobreza de Portugal, e em seguida foi pôr cêrco á cidade de Arzila. Ao cabo de quatro dias de successivos assaltos, foi tomada esta forte praça aos 24 de agosto de 1471.

El-rei D. João II, proseguindo com verdadeiro zelo e ardor na gloriosa empreza dos descobrimentos, poz especial cuidado na conservação e augmento da marinha portugueza. No seu reinado sulcaram os mares constantemente numerosas armadas, saídas dos portos de Portugal a levar tropas ás nossas praças africanas, a conduzir gente e materiaes para fundar fortalezas na costa occidental da Africa, e para estabelecer colonias n'esses pontos e nas ilhas do Principe e S. Thomé. Além d'isto, trazia sempre empregados muitos navios em descobrir novas terras, e principalmente em dobrar o cabo da Boa Esperança, negocio que tanto teve a peito, e cuja resolução legou ao seu successor.

Estreou-se, por assim dizer, o reinado de D. Manuel com o feito que immortalisou Vasco da Gama. O illustre nauta, dobrando aquelle cabo e descobrindo a carreira da India, entregou nas mãos del-rei D. Manuel as chaves do Oriente, que a seu turno lhe deram, como é sabido, o dominio dos mares. Foi, por conseguinte, n'este reinado que a marinha de Portugal chegou ao maior auge do seu esplendor.

A descoberta do Brasil por Pedro Alvares Cabral, no fim de abril de 1508; as conquistas na Asia e na Africa oriental; as guerras para a defensa das nossas praças africanas fronteiras do Algarve, e para a tomada de outras na mesma costa; as emprezas de colonisação; em fim, a necessidade de proteger o nosso commercio maritimo, que de dia para dia tomava maiores proporções em paragens tão differentes e remotas umas das outras; de tudo isto resultou um desenvolvimento extraordinario na construcção de vasos da marinha de guerra e mercante de Portugal, no primeiro quartel do seculo XVI.

Resolvendo el-rei D. Manuel passar á Africa á frente de luzido exercito, para alli continuar a serie de triumphos encetada por D. João I, reuniu em 1501, entre navios de guerra e de transporte, 400 embarcações. Não chegou, porém, a effeituar-se esta expedição, porque o crescente poder dos turcos, ameaçando a Grecia, obrigou os estados de Veneza e da Egreja a unirem-se e a solicitarem o auxilio de Portugal para se opporem ás invasões musulmanas. Uma parte, pois, da esquadra que devia conduzir as tropas para a empreza de Africa foi em soccorro do papa e da republica de Veneza. Eram 30 navios de guerra, os melhores da nossa armada, commandados pelo conde de Tarouca, e guarnecidos com 3:500 soldados, além da maruja.

A expedição, frustrada em 1501, veiu a realisar-se no anno de 1513; mas, em vez do monarcha, foi capitaneada por D. Jayme, 4.º duque de Bragança. Compunha-se a armada de mais de 400 velas, e o exercito n'ella transportado constava de 15:000 infantes e 2:200 homens de cavallo a soldo del-rei, e 4:000 de infanteria e 550 de cavallaria levantados nas terras do duque de Bragança e pagos á custa d'este principe. A conquista da cidade de Azamor, mui disputada pelos moiros, e a tomada da cidade de Almedina e Tite, abandonadas pelo inimigo, foram as victorias com que se recolheu a Lisboa o duque D. Jayme.

Iriamos muito além dos limites traçados para este artigo se fizessemos a resenha das esquadras portuguezas que saíram dos portos do reino durante o governo del-rei D. Manuel. Sómente para a protecção do commercio contra os piratas e corsarios, no oceano Atlantico, havia tres esquadras em serviço activo: uma, denominada *do Estreito*, cruzava nas costas do Algarve e da Barbaria, e era composta de caravelas e fustas; a segunda empregava-se no cruzeiro das costas do norte do reino, e compunha-se de navios maiores; a terceira, que tambem constava de navios grandes, andava nas aguas dos Açores.

Demandando as viagens da India grandes embarcações, quer para a conducção de tropas, quer para o transporte de mercadorias, foram-se construindo vasos de maior lotação, com o nome de naus e galeões.

A esquadra que saíu do Tejo no dia 9 de agosto de 1521, ultimo anno do reinado de D. Manuel, levando a Italia a infanta D. Beatriz, filha d'este soberano, desposada com o duque de Saboya, constava de dez naus, dois galeões, quatro galés reaes, uma fusta e um navio redondo, como transporte. A nau *Santa Catharina*, em que ia a infanta, era de 800 toneladas. Tinha sido feita na India, mas para esta viagem fizeram-se-lhe em Lisboa consideraveis obras de adorno e aformoseamento, e para agasalho e commodidade da infanta.

Os galeões tinham na pôpa o chamado castello, e d'este até á prôa apresentavam uma pequena curva. As muitas velas dos seus mastros faziam-n'os ligeiros na marcha. Segundo a sua lotação, tinham duas ou tres cobertas, e alguns tivemos que contavam quatro, como o celebre galeão *S. João Baptista*, de que fallaremos ao diante. A lotação dos galeões regulava entre 1:000 e 1:200 toneladas. O seu uso veiu-nos de França, que o recebeu de Veneza; e do nosso paiz passou a Hespanha, que teve galeões alguns annos depois de os possuir a marinha portugueza.

Desde então, pouco a pouco se foi restringindo o uso das galés, até que nos fins do seculo XVI achavam-se empregadas estas embarcações quasi exclusivamente no serviço pessoal do monarcha. Ennobrecidas com o titulo de real, ataviaram-se com riquissimas galas. Esmeraram-se as artes em adornal-as exterior e interiormente com bellas pinturas e com excellente obra de talha doirada. Cobriram-lhes as pôpas com toldos de damasco franjado de oiro. Armaram-lhes os camarins com preciosos brocados a vestir as paredes, e a pender em sanefas das portas e janellas. Em fim, empavezaram-lhes os mastros com bandeiras, flammulas e galhardetes de sedas multicôres.

Taes eram as galés reaes que appareceram no Tejo pela primeira vez, segundo cremos, por occasião da vinda a Lisboa del-rei D. Filippe II de Castella, no anno de 1581; e depois na de seu filho, D. Filippe III, em 1619. D'estas ultimas, que eram as mais ricas que então havia em Hespanha, e que vieram ao Tejo em razão d'aquelle monarcha fazer a sua entrada em Lisboa com grande apparato e solemnidade; d'estas, repetimos, já fallámos a pag. 66.

Agora offerecemos aos nossos assignantes a gravura de uma galé real, como se usava nos fins do seculo XVI e primeira metade do seculo XVII.

Antes de deixarmos as galés cumpre-nos dizer alguma coisa ácerca dos remadores.

Nos primeiros reinados dos nossos monarchas era a classe dos pescadores e barqueiros que fornecia os remeiros para as galés do estado. Em todos os portos do reino havia um livro de matricula para todos os individuos d'aquella classe, que ahi se achavam inscriptos, com os seus officiaes, chamados *vintaneiros*, por serem elles que escolhiam, d'entre os matriculados, um homem em cada vinte para o serviço da armada real. Porém, augmentando consideravelmente o serviço, em razão de crescerem muito as galés, tanto em numero como em proporções, determinou o governo que fossem obrigados os criminosos áquelle trabalho penosissimo. Desde então começaram os tribunaes a condemnar os delinquentes aos trabalhos forçados nas galés. Esta pratica veiu-nos de França e de Hespanha, onde primeiro se introduziu.

Aquella pena era temporaria ou por toda a vida, conforme o crime; mas muitas vezes succedia passar o condemnado do primeiro para o ultimo grau da penalidade. Em o nosso paiz era esta passagem motivada por algum novo delicto, e sempre determinada por nova sentença judicial. Mas n'outros paizes, e nomeadamente na França, executava-se similhante rigor, diremos antes flagrante injustiça, sem se darem aquellas duas circunstancias, e unicamente para satisfazer as necessidades do serviço. A respeito dos condemnados ás galés, commetteram-se em França e na Italia inauditas crueldades e excessivos abusos da auctoridade. Um vice-rei da Sicilia lembrou-se um dia do seguinte meio para diminuir a mendicidade e augmentar o numero dos remadores nas galés, isto é, preencher as vagaturas que deixavam no quadro dos forçados as continuas mortes dos infelizes, que succumbiam sob o peso da miseria, dos maus tratos e de um trabalho superior ás suas forças. Ordenou, pois, o tal vice-rei que se celebrassem jogos publicos pelo carnaval, com premios pecuniarios para os vencedores. Ao que saltasse mais alto cabia-lhe maior premio. Publicada esta determinação em toda a ilha, assim que chegou o entrudo correu á cidade de Palermo numerosa multidão de gente resolvida a tomar parte na funcção. Veiu, com effeito, como pareceu ao vice-rei, immensa vadiagem, entre a qual appareceram muitos mendigos, que pouco antes figuravam de aleijados ou cobertos de ulceras, e que se apresentavam agora lestos e ageis. Começou o divertimento, e aos que mais alto pulavam entregava-se-lhes o premio respectivo; mas logo em seguida se lhes punha a marca de forçados das galés. D'este modo traiçoeiro, ignobil e injustissimo, foram então as galés da Sicilia povoadas de remadores.

Alguns annos depois, a 11 de abril de 1662, escrevia Colbert, ministro de Luiz XIV de França, aos presidentes dos tribunaes: «Ordena-me el-rei que vos escreva estas linhas da sua parte, para vos dizer que sua magestade, desejando restabelecer o corpo dos forçados das galés, e augmentar a chusma d'elles por todos os meios possiveis, quer que procedaes nos vossos julgamentos de maneira que condemneis ás galés o maior numero de criminosos que for possivel, podendo-se até converter n'esta pena a de morte...»

N'esse mesmo anno rebentou uma insurreição na Bolonha por causa de um novo imposto. Enviaram-se tropas, apaziguaram-se os tumultos, porém mais de 400 infelizes foram enviados para Marselha e lançados nas galés.

Estes deploraveis excessos da auctoridade chegaram a ponto do governo francez comprar ao duque de Saboya, que não tinha galés, os criminosos condemnados n'esse paiz a trabalhos publicos!

Disputando a França o Canadá ás tribus indigenas, entendeu Luiz XIV que o melhor meio de acabar com tão perigoso e terrivel inimigo era fazer transportar para França o maior numero d'aquelles selvagens e mandal-os trabalhar nas galés. Escrevendo aquelle soberano ao governador n'este sentido, dizia-lhe: «Quero que empregueis todos os esforços para fazer o maior numero de prisioneiros que poderdes, e que immediatamente os envieis para França.»

O governador, que era o marquez de Denonville, reconhecendo que lhe era difficil aprisionar os iroquezes em campanha, armou-lhes uma traição, com o duplo fim de cumprir a ordem régia e de pôr termo á lucta. Convidou os chefes e principaes guerreiros das tribus a virem conferenciar com elle para se accordarem nos ajustes da paz, e quando os viu, cheios de confiança, em seu poder, a todos lançou ferros, e assim os mandou para França, onde logo os levaram para as galés.

Esta infamia produziu tal irritação nas tribus selvagens, que então é que teve começo no Canadá uma guerra verdadeiramente encarniçada e assoladora contra os francezes. E tão apertados se viram estes do inimigo, e em tanto perigo a colonia, ao cabo de quatro annos de lucta sem tregoas, que o marquez de Denonville se viu obrigado a prometter-lhes o regresso dos seus chefes e companheiros. Em 9 de fevereiro de 1689 deu ordem Luiz XIV para que todos os iroquezes que se achavam nas galés fossem restituidos á sua patria e á liberdade.

Era muito triste e miseravel a sorte dos forçados das galés em Portugal. Escassamente alimentados, mal enroupados, obrigados a trabalhos penosissimos, tanto nas galés como nos arsenaes, tinham as taboas da tarimba por cama, e as lageas de uma prisão por logar de repouso nas horas de folga. Mas, apesar das sombrias côres d'este quadro, não passavam tão negra existencia como a que seus irmãos no infortunio arrastavam nas galés de França, de Hespanha e de Italia. A doçura dos costumes e a benignidade de indole, que em todos os seculos nos distinguiram da maior parte dos povos, obstaram a que se vissem em o nosso paiz as horriveis scenas de miseria, de oppressão e de immoralidade que alguns escriptores estrangeiros nos pintam com pavorosas côres.

O serviço dos forçados das galés nas embarcações do estado acabou entre nós muito primeiro que em outros paizes que nos dão agora lições de civilisação. As ultimas embarcações em que serviram de remadores foram as galés reaes. D'esse tempo ainda existe uma memoria no arsenal da marinha de Lisboa. É a *porta da galé*, amplo e solido portal de cantaria, que resistiu ao terremoto do 1.º de novembro de 1755, e que é o unico vestigio que resta dos paços da Ribeira.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

AS PRINCIPAES MARAVILHAS DA HESPANHA NO SECULO XVI

No relatorio de um antigo embaixador de Veneza, que visitou as principaes cidades da Hespanha em 1525, diz-se que este reino contava tres maravilhas. Andrea Navagiero, que era o nome do diplomata veneziano, avisou, comtudo, os leitores de que dava ás taes maravilhas o nome que mais lhe agradava.

A primeira era uma cidade inteiramente cercada de fogo; a segunda uma ponte sobre a qual corria um rio; e a terceira outra ponte onde poderiam pastar desafogadamente dez mil ovelhas.

Ora o nosso viajante queria dizer que víra as muralhas de Madrid, que eram n'aquella epocha construidas de pederneira; que ficára surprehendido, como todos os estrangeiros, com o famoso aqueducto de Segovia; e que a pretendida ponte, onde pastariam milhares de ovelhas, era, nem mais nem menos, que a vasta planicie onde se occulta o Guadiana para tornar a apparecer a alguns kilometros de distancia.